

A NÃO RETALIAÇÃO, O PERDÃO, O AMOR DOS INIMIGOS

Três salutares desafios do Evangelho

Ney Brasil Pereira

1. Introdução

Há dois mil anos os cristãos rezam, no Pai-nosso, cada dia, e até mais vezes por dia: *Pai, perdoai-nos, assim como nós perdoamos...* (Mt 6,12 e Lc 11,4) e, no entanto, nas grandes e nas pequenas questões, ainda não aprendemos a perdoar! Há dois mil anos também, o Senhor, no Evangelho, nos ordena: *Não resistais ao malvado* (Mt 5,39), *amai vossos inimigos* (Mt 5,44)... e no entanto continuamos a armar-nos, a retaliar, a guerrear, a odiar! Onde está o impasse? E como resolvê-lo?

Iniciando a reflexão, gostaria de contrapor duas passagens bíblicas: uma do Novo Testamento (NT), do Sermão da Montanha (SM), e outra do Antigo Testamento (AT), do primeiro livro dos Macabeus. A primeira, já mencionada acima: *Não resistais ao malvado; antes, àquele que te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda* (Mt 5,39). A segunda, dos combatentes Macabeus: *Se alguém vier atacar-nos em dia de sábado, nós o enfrentaremos*, lit. *combateremos contra ele* (1Mc 2,41).

As duas citações são, evidentemente, contrastantes. A do Sermão da Montanha (SM), literalmente, aconselha a “não resistir”, “não fazer frente”, “não retaliar” ao malvado, o malfeitor, o agressor. A segunda, do Primeiro Livro dos Macabeus, propõe exatamente o contrário: resistir, e resistir pela força, numa opção decidida a reagir.

Vejamos mais de perto a segunda opção, que se insere no contexto da revolta dos Macabeus contra os Selêucidas. Matatias, sacerdote de Jerusalém, retirara-se para Modin, quando viu instalado o culto pagão – *A Abominação da Desolação* – no Templo, em 167 aC. Retirado em Modin, ele resiste à ordem do rei, recusando sacrificar aos ídolos, mata um apóstata, e inicia o movimento de resistência (1Mc 2,15-28). Entre seus primeiros seguidores, um grupo de cerca de mil pessoas, entre as quais também mulheres e crianças, ao serem surpreendidos pelos inimigos em dia de sábado, não se defendem – porque era o dia santo! – e são chacinados sem piedade (1Mc 2,31-38). Quando a notícia chega a Matatias e seus companheiros, eles refletem: *Se todos fizermos como fizeram nossos irmãos, e não lutarmos contra os gentios por nossas vidas e por nossas tradições, eles em breve nos eliminarão da face da terra* (1Mc 2,40). Tomaram então a seguinte decisão: *Se alguém vier atacar-nos em dia de sábado, nós o enfrentaremos! Assim não morreremos todos, como morreram nossos irmãos!* (1Mc 2,41). Isto é, refletindo, chegam à conclusão de que o martírio, embora admirável e belo, não é o caminho ordinário. Lutar é preciso. Lutar pela vida e pelas coisas justas, como comenta Gallazzi¹, que continua: “O antigo espírito de Moisés, de Josué, dos Juízes, toma conta do grupo. A vida está acima de tudo. Está acima da Lei,

1. GALLAZZI, Sandro e RUBEAU, Francisco. *Primeiro Livro dos Macabeus. Autocrítica de um guerrilheiro*. Col. Comentário Bíblico, AT. Petrópolis: Ed. Vozes/Sinodal, 1993, p. 77.

acima do Sábado. A Lei serve para a vida. Morrer é trair a Lei... O martírio pode ser a escolha de um ou outro companheiro, mas não de um grupo organizado. Aí, deixa de ser martírio para ser suicídio...” E decidem iniciar o movimento de resistência armada o qual, porém, muito cedo evoluiu da defesa para o ataque, do ataque para a conquista, e terminou ingloriamente na também opressora dinastia dos Asmoneus.

Fomos surpreendidos, o mundo todo, com o ataque terrorista às torres gêmeas do WTC em New York, no dia 11 de setembro do ano passado, embora não tenhamos ficado igualmente emocionados com o já esquecido genocídio de Ruanda, ou com a morte à fome de milhares de crianças diariamente... Um mês depois do ataque terrorista às torres, a guerra de retaliação dos EE.UU. contra o governo dos Talebans, no Afeganistão. Há cerca de dois anos, a Intifada é uma sucessão de ataques terroristas e retaliações cada vez mais violentas – também não terroristas? – em Israel. Entre nós, no Brasil, a violência urbana se agrava, com seqüestros, assassinatos, chacinas, e a ela soma-se a truculência policial a serviço da segurança dos cidadãos, cada vez mais temerosos e encurralados. Que fazer? Como reagir? Resistir, ou não resistir? Se “resistir”, de que modo? Se “não resistir”, também de que maneira? Como cristãos, procuramos na Bíblia, no Evangelho, uma orientação. E a orientação, nós, que reconhecemos no Senhor Jesus o nosso Mestre, encontramos-la de modo especial no SM, em Mateus, com seus paralelos no Sermão da Planície em Lucas.

Vejamos, pois, esses textos: 1) os do SM, mas também três outras séries de textos: 2) os que nos descrevem a opção pessoal de Jesus pela não-violência; 3) o seu ensinamento inequívoco sobre o perdão; 4) os textos que se contrapõem ao SM.

2. Os textos

2.1. O ensinamento do SM sobre a não-violência e o amor aos inimigos

Mt 5,²⁰ Se a vossa justiça não exceder a dos escribas...

Não entrareis no reino dos céus.

²¹ *Ouvistes o que foi dito aos antigos:*

Não matarás (Ex 20,13).

²² Eu, porém, vos digo: *Todo aquele que se encolerizar...*

²³ *Portanto, se estiveres para trazer a tua oferta ao altar, e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti,*

²⁴ *deixa a tua oferta e vai primeiro reconciliar-te...*

.....

³⁸ *Ouvistes o que foi dito: Olho por olho
e dente por dente (Ex 21,24).*

³⁹ Eu, porém, vos digo: *Não resistais ao malvado;*
(= não retalieis)

- antes, àquele que te ferir na face direita, oferece-lhe também a esquerda...*
- ⁴⁰ *e àquele que quer pleitear contigo para tomar-te a túnica, deixa-lhe também a capa...*
-
- ⁴³ *Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo (Lv 19,18) “e odiarás teu inimigo”...*
- ⁴⁴ *Eu, porém, vos digo: Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem...*
- ⁴⁵ *deste modo vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus (cf. 5,9: os que promovem a paz, serão chamados filhos de Deus), porque Ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e faz chover sobre justos e injustos.*
- ⁴⁸ *Portanto, sereis perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito.*
- Lc 6,29: *a quem te ferir...*
- Lc 6,27: *Amai...*
- Lc 6,35: *E sereis filhos do Altíssimo*
- Lc 6,36: *Tornai-vos misericordiosos como vosso Pai...*

2.2. A opção pessoal de Jesus pela não-violência

- Mt 3,11: João Batista anuncia o Messias que vem *batizar com o Espírito Santo e o fogo* (do julgamento!).
- Mt 3,12: *Ele* (o Messias) *está com a pá na mão e vai limpar sua eira... e queimará a palha no fogo inextinguível...*
- Mt 3,16: Jesus, porém, no momento da sua investidura messiânica, no seu batismo, recebe o *Espírito da mansidão*, da não-violência, da misericórdia, quando o Espírito desce sobre Ele *como uma pomba...*
- Mt 12,18-21: em Jesus realiza-se a profecia de Is 42,1-4: *Eis o meu Servo, porei o meu Espírito sobre Ele... Ele não quebrará o caniço rachado nem apagará a mecha fumegante.*
- Mt 9,13 e 12,7: Jesus reafirma por duas vezes Os 6,6: *É a misericórdia (hesed) que eu quero, e não o sacrifício ritual...*
- Mt 11,29: *Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração...*
- Mt 11,2-6 (cf. Lc 7,18-28): aos discípulos do Batista, que, preso, se impacienta com a ação moderada de Jesus, e lhe pergunta “se é Ele que havia de vir, ou se devemos esperar outro”, responde: *Os cegos vêem, os coxos andam... os pobres são evangelizados!*
- Mt 26,52: A um discípulo, no Horto, Jesus ordena: *Guarda a tua espada no seu lugar, pois todos os que pegam da espada pela espada perecerão!* (cf. Jo 18,11: *Guarda a espada na bainha. Deixarei eu de beber do cálice que o Pai me deu?*).

2.3. O ensinamento de Jesus sobre o perdão

- Mt 6,12: no Pai-nosso: *perdoai-nos, assim como nós perdoamos...* – cf. Lc 11,4
- Mt 6,14-15: *Pois, se perdoardes aos outros os seus pecados, também o vosso Pai celeste vos perdoará; mas se não perdoardes... também o vosso Pai celeste não vos perdoará.* – Lc 6,37c: *perdoai, e vos será perdoado...*
- Mt 7,1: *Não julgueis e não sereis julgados....* – Lc 6,37ab: *não julgueis... Não condeneis...*
- Mt 7,2: *Com a medida com que medis, sereis medidos...* – Lc 6,38: *Dai e vos será dado... Com a medida...*
- Cf. Jo 8,7: *Quem não tiver pecado, que atire a primeira pedra...*
- Mt 7,12: a regra de ouro: *Tudo o que quiserdes que os outros vos façam, fazei-o vós a eles...* – cf. Lc 6,31
- Mt 18,21: à pergunta de Pedro: *Quantas vezes perdoar?*
Jesus responde: *Não apenas 7 vezes, mas 70 vezes...* – cf. Lc 17,4
- Mt 18,23-35: a parábola do devedor perdoado que não quis perdoar...
- Lc 23,34: a primeira palavra de Jesus na cruz:
Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem...

2.4. Contraposições ao ensinamento

a) no próprio Mt:

1. a palavra de Jesus sobre a espada (Mt 10,34):

Não penseis que vim trazer a paz... (cf. Lc 12,51)

Cf. Jo 14,27: *...a minha paz vos dou,
não como o mundo a dá...*

2. a violência verbal de Jesus contra os escribas e fariseus: Mt 23,13-36 (cf. Lc 11,39-48).

3. a violência formal de Jesus contra os vendedores e compradores no Templo: Mt 21,12-13 e paralelos.

4. a punição violenta, com a morte, dos vinhateiros homicidas: Mt 21,41 e paralelos.

5. a punição violenta, *partindo ao meio*, do servo infiel, que abusou da confiança do seu senhor: Mt 24,51 e Lc 12,46.

Cf. Lc 19,27: a execução imediata, pública, *na minha presença*, dos que não quiseram aceitá-lo como rei...

b) em João:

1. a violência formal contra os vendedores e cambistas do Templo: Jo 2,14-15.

2. a violência verbal contra os adversários:

Vós sois do diabo, vosso pai...: Jo 8,44.

Todos os que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes...: Jo 10,8.

3. a exclusão do “mundo”, da sua oração: *não rogo pelo mundo...: Jo 17,9.*

4. a reação verbal à bofetada: *Se falei mal, mostra em quê; se falei bem, por que me bates?: Jo 18,23.*

c) nos Atos, em Paulo:

1. reação verbal violenta à bofetada: *Deus te ferirá, parede caiada!*

Tu te sentas para me julgar segundo a Lei

e, com desprezo da Lei, ordenas que me batam?: At 23,3.

2. reclamação pelo abuso sofrido em seu direito de cidadão romano:

Vergastaram-nos em público e sem julgamento, a nós, cidadãos

romanos, e lançaram-nos na prisão. Agora, é furtivamente que nos mandam sair? Que eles mesmos venham nos libertar!: At 16,37.

3. reivindicação dos próprios direitos de cidadão romano, para evitar a tortura:

Ser-vos-á lícito flagelar um cidadão romano, que nem mesmo foi julgado?: At 22,25.

d) em Romanos:

1. Rm 12,14-21: Súmula de ensinamentos sobre a convivência social, todos convergindo na não-violência e no perdão:

¹⁴ *Abençoai os que vos perseguem: abençoai e não amaldiçoeis!*

¹⁷ *a ninguém pagueis o mal com o mal...*

¹⁸ *procurando, se possível, viver em paz com todos...*

¹⁹ *Não façais justiça por vossa conta... pois está escrito:*

A mim pertence a vingança, eu é que retribuirei, diz o Senhor

(cf. Dt 32,35).

²⁰ *Antes, se teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer; se tem sede...*

Assim, estarás acumulando brasas sobre a sua cabeça...

²¹ *Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem...*

2. Rm 13,1-5: a função da Autoridade civil quanto à segurança pública: ela tem a obrigação de coibir, mesmo *pela espada*, a quem pratica o mal: *Não é sem razão que ela traz a espada. Ela é “serva de Deus”, sendo vingadora a serviço da Ira (divina) contra aquele que pratica o mal (13,4)...*

3. Comentário

Os textos são conhecidos. Os comentários, abundantes. Onde estaria a novidade? E essa novidade de Jesus é um programa realista, ou uma – mais uma – utopia idealista? Gostaria de, a propósito, lembrar as oportunas considerações de João Paulo II para o Dia da Paz deste ano: *Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão!* Com esse documento, o Papa retoma e aprofunda as propostas feitas para o Dia da Paz em 1997: *Oferece o perdão – recebe a paz!* A saber, inspirando-se na proposta de Isaías 32,17 – *a obra da justiça é a paz*, isto é, não há paz sem justiça – o Papa vem oportunamente lembrar que a justiça só é verdadeira, e só se aproxima da justiça de Deus, se inclui o perdão: *Não há justiça sem perdão!* Cito o Papa: “O perdão não se opõe de modo algum à justiça, porque não consiste em diferir as legítimas exigências de reparação da ordem violada; mas visa, sobretudo, aquela plenitude de justiça que gera a tranquilidade da ordem, a qual é bem mais do que uma frágil e provisória cessação das hostilidades, porque consiste na cura em profundidade das feridas que sangram nos corações. Para tal cura, ambas, justiça e perdão, são essenciais”².

3.1. A justiça

Ora, é essa justiça *superior, melhor que a dos escribas e fariseus* (Mt 5,20), que Jesus propõe a seus discípulos, logo no início do Sermão da Montanha (SM). O que seria essa “justiça melhor”, justiça aliás que retorna cinco vezes no SM? De fato, é dessa “justiça” que devemos ter fome e sede (Mt 5,6); por causa dessa “justiça” é que devemos estar prontos a ser perseguidos (Mt 5,10); é essa “justiça” que devemos praticar não ostensivamente, para sermos glorificados pelos outros, mas “em segredo” (Mt 6,1); e enfim é essa “justiça” que devemos procurar, junto com o Reino de Deus, antes de qualquer outra coisa (Mt 6,33)... que “justiça” é esta?

Não é a justiça meramente retributiva, do “*cuique suum*” (a cada um o que é seu) e do “status quo”, mas é a justiça do Pai que *faz brilhar o sol e chover sobre justos e injustos* (Mt 5,45), e que paga aos “últimos”, os contratados à última hora, tanto quanto aos “primeiros” (Mt 20,1-16)³. Esta justiça é a *tsedaqá* hebraica, “que exprime simultaneamente os dois atributos precípuos de Deus, fundindo numa unidade superior bondade e justiça. Pois somente a harmonia entre ambos corresponde à cosmovisão judaica de um Criador justo e duma humanidade madura”, como escreve Pinchas Lapide no seu excelente comentário sobre o SM⁴. Continua o mesmo autor: “Perdeu-se na tradução a voz do amor divino que ressoa obrigatoriamente na voz do profeta que

2. Mensagem de JOÃO PAULO II para o Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2002, n. 3.

3. Cf. PEREIRA, Ney Brasil. *Trabalho, salário e justiça, em Mt 20,1-16*, in: “Encontros Teológicos”, Florianópolis, n. 25, 1998/2, p. 58-68.

4. LAPIDE, Pinchas. *O Sermão da Montanha: Utopia ou Programa?* Petrópolis: Vozes, 1986 (trad.), p. 25.

clama por *justiça*, bem como na consciência de que o meu *direito*, dentro do âmbito da *tsedaqá*, envolve sempre o direito do próximo”⁵. Ainda Lapede, que insiste na raiz judaica do SM: “A *tsedaqá*, em momento nenhum acabada ou perfeita, é o embrião judaico da santa insatisfação e o fermento dinâmico da sociedade humana, irrequieta desde o Sinai, que move os seres humanos rumo ao Reino de Deus na terra, onde, enfim, a justiça suprema alcançará a sua consumação”⁶.

Esta contraposição à “justiça dos escribas e fariseus”, e toda a série das seis assim chamadas “antíteses” (Mt 5,20-48), deve ser bem entendida. Em primeiro lugar, não como se “escribas e fariseus” fossem somente “eles”, “os outros”, e não também nós. Pelo contrário, entre nós também há – e como! – “escribas e fariseus” no sentido denunciado por Jesus. Em segundo lugar, Jesus deixa bem claro que ele *não vem abolir* a Lei, a Torá, mas *levá-la à perfeição*, isto é, vem extrair da Torá todas as suas potencialidades de humanização da espécie humana, chamada toda ela ao *Shalom* do Reino de Deus. Em terceiro lugar, a fórmula seis vezes repetida, *eu, porém, vos digo – egô dè légô hymîn*, em hebr. *wa ‘anî ‘omér lakem* – para quem conhece a exegese rabínica, não implica uma contraposição de Jesus contra Moisés, uma superação no sentido de que as normas da Torá não valham mais, mas uma reafirmação, um aprofundamento, uma supervalorização. Cito novamente Lapede: “Em momento nenhum Jesus arredou pé do solo firme do judaísmo pluralista, nem nos debates exasperados nem no SM. Igual a todos os luminares de Israel até o dia de hoje, ele *devia* provocar a contradição, pois a sua posição diante da teologia do seu povo foi a de uma harmonia de contrastes, construtiva e carregada de tensões – onde ambas as partes não fazem senão afirmar a sua fidelidade ao judaísmo”⁷.

3.2. O amor dos inimigos

O arremate do programa de Jesus para a humanização do planeta segundo a vontade divina se encontra nas duas últimas “contraposições”, ou seja, reafirmações: ao “olho por olho” Jesus contrapõe a “não-resistência ativa” ao malvado (Mt 5,38-42), e o amor do “próximo”, Jesus o completa com o amor dos “inimigos” (Mt 5,43-48).

Quanto ao amor do próximo, o redator de Mt cortou a metade do preceito mosaico, omitindo o “*como a ti mesmo*”, e cortou também seu final essencial “*Eu sou o Senhor*” (Lv 19,18)⁸. Esta omissão privou o amor fraterno da sua componente vertical, ou seja, de sua razão teológica: diante do Senhor e Pai de todos, a fraternidade humana impõe-se por si, como o lembra a seguir Jesus, apontando o objetivo: “*para que sejais filhos de vosso Pai no céu*” (Mt 5,45). Pior ainda que essa omissão, é a adição do anti-bíblico “*odiarás teu inimigo*”. Pelo contrário, no mesmo livro do Levítico, no v. anterior ao v. do amor do próximo, se ordena expressamente: *Não odiarás o teu irmão no teu coração* (Lv 19,17). Na literatura rabínica, p. ex. em *Test. Gad* 6, se lê: “Não digas: eu amo os que me amam e odeio aos que me odeiam: antes, ama a todos!” Aliás, os rabi-

5. *Id.*, *ibid.*

6. *Id.*, *ibid.*, p. 26.

7. *Id.*, *ibid.*, p. 44.

8. *Id.*, *ibid.*, p. 72.

nos chamam a atenção para o fato de que a diferença entre inimigo *'oyeb* e amigo *'oheb* consiste numa só letra. Por que não nos esforçarmos por transformar o yota em hê?⁹ Entretanto, é verdade que o imperativo explícito *amai vossos inimigos* é exclusivo do ensinamento de Jesus, não se encontrando a sua formulação – embora, sim, seu conteúdo – em toda a literatura rabínica¹⁰.

Embora não sendo zelota, Jesus, que declarou *Não vim trazer a paz mas a espada* (Mt 10,34 par.), não era um pacifista utópico. O realismo com que ele considera a possibilidade de sua própria execução na cruz, dele e de seus discípulos, naquele ambiente sufocado pelo domínio de Roma (cf. Mc 8,34 e par.), o demonstra. O Reino que ele anunciava, e que “não era deste mundo”, era uma realidade celeste que em breve desceria à terra, como os apocalípticos sonhavam, mas que dependia também da ação dos seus ouvintes. E para isso ele falou, denunciou, lutou. Entretanto, não convocou para a luta armada, porque acreditava na força da não-violência, como o proclamou na segunda bem-aventurança, retomando o Sl 37,11: *os mansos* – os não-violentos – *possuirão a terra* (Mt 5,4). E a seus discípulos apontou com clareza o caminho do serviço: *Aquele que quiser ser o primeiro entre vós, seja o servo de todos* (Mc 10,44 e par.). Apontou também a renúncia aos próprios direitos (à túnica, ao dinheiro), em favor da paz. Realista, o seu mandamento do amor aos inimigos é prático: não um teórico “amar”, mas fazer obras/gestos de amor para com os que nos odeiam.

3.3. A “não-resistência” = não-retaliação

Qual o sentido exato, sem racionalizações, desta palavra aparentemente suicida de auto-entrega – *não resistais* – aos violentos? Em primeiro lugar, a chamada “lei do talião”, encontrada também no Código de Hamurabi, não propõe ações de vingança, pois está claro, para quem conhece a Bíblia, que *a vingança me pertence, diz o Senhor* (Dt 32,25) e *Não te vingará, mas amarás o teu próximo...* (Lv 19,18). Que propõe então? Propõe um critério jurídico para indenizações nos casos de ferimento físico, como o prova o Talmude¹¹ e não uma norma de comportamento vindicativo. Em outras passagens do SM, aliás, Jesus fala da “medida por medida”: *Com a medida com que medis, sereis medidos...* (Mt 7,2 e par.).

Voltando à “não-resistência”, ordenada no v. 39, praticamente todos os intérpretes têm dificuldade em aceitá-la como tal, porque a entendem como “não-resistência passiva”, e fazem as suas distinções ou “racionalizações”¹². Ora, a partir dos exemplos

9. *Id.*, *ibid.*, p. 81.

10. *Id.*, *ibid.*, p. 84.

11. *Id.*, *ibid.*, p. 118.

12. A propósito, cito um texto de Huberto ROHDEN, o filósofo-teólogo catarinense falecido em São Paulo em 1981, que deixou extensa obra literária não denominacional, e que assim escreve no seu livro *O Sermão da Montanha*: “Não resistais ao maligno!...” Nenhuma igreja, nenhum Estado cristão aceitou, até hoje, esta doutrina do divino Mestre. Todos praticam violência e, por sinal, todas as sociedades, civis e eclesíásticas, guiam-se, até hoje, pela lei do talião, estabelecida por Moisés, *olho por olho, dente por dente*. Aliás, parece mesmo que uma sociedade organizada não pode guiar-se pelo espírito do Evangelho de Cristo, porque qualquer sociedade organizada é baseada no egoísmo, que aprova a violência: parece que só um indivíduo pode ser realmente cristico, não-violentista. A sociedade tem determinados estatutos, leis, parágrafos jurídicos que implicam sanção, isto é, violência, punição aos infratores dos estatutos jurídicos. Sendo que toda a sociedade é produto da inteligência, e a inteligência é, essencialmente, egoísta, não pode haver uma sociedade não-egoísta, não-violentista. Se Mahatma Gandhi conseguiu libertar a Índia

apresentados pelo próprio Senhor a seguir (*dar a outra face, ceder também o manto, caminhar duas milhas*), trata-se antes da não-resistência ativa, que da meramente passiva. Além disso, a autoridade legítima, à luz de Rm 13,4, tem o dever, o encargo, de defender o cidadão, proporcionar-lhe segurança e, conseqüentemente, deve reprimir, coibir, punir o malvado. Lapide¹³ propõe decididamente que o redator grego de Mateus deve ter-se equivocado, como se equivocou outras vezes, atribuindo esta palavra a Jesus. E argumenta: o caráter literalmente passivo da exigência contradiz o teor da passagem, que procura chegar à desinimização mediante determinadas maneiras de agir. Além disso, não usar de violência não é o mesmo que não usar de resistência, não resistir, quando se trata de defender a vida e evitar a injustiça, como, aliás, o ordena o preceito maior do amor fraterno e, especificamente, Lv 19,16, na tradução de M. Buber¹⁴: *Não ficarás indiferente ante o sangue de teu próximo*. Além disso, deixar de resistir ao malvado tem como único efeito aumentar sua injustiça e entregar os pobres e fracos ao arbítrio da violência... o que não pode ter sido a intenção de Jesus, nem pode agradar ao “Deus vivo”, que *não se compraz com a morte de ninguém* (cf. Ez 18,23).

Qual, então, foi essa intenção? Melhor que o redator grego de Mateus, Paulo a expressou com a palavra que escreveu em Rm 12,21: *Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem*. A “resistência”, pois, não deve enveredar pela retaliação, descendo ao nível da violência do malvado, mas este, uma vez coibido, deve ser “vencido” pelo bem. Nesse sentido, uma tradução interpretativa deste v. 39 poderia ser: *Não retalieis ao malvado, não desçais ao seu nível de maldade e violência, mas “resisti-lhe” com o bem, opondo à sua violência a vossa serena e não-violenta firmeza!*

Conclusão

As palavras iniciais da pregação de Jesus em Marcos são significativas: *Completo-se o tempo, está próximo o Reino de Deus. Converti-vos, acreditai nesta boa notícia* (Mc 1,15). Estas palavras de Jesus aproximam a utopia da realidade, mas com uma condição: é preciso “converter-se”, mudar o coração, acreditar nesta possibilida-

com a *ahimsa* (não-violência), foi unicamente porque, ao redor dele, havia numerosos indivíduos firmemente alicerçados na mesma verdade, como concedeu o próprio presidente Nehru, e não porque a sociedade como tal se guiasse pelo princípio altruísta da *ahimsa*. Toda e qualquer sociedade, como sociedade, pratica necessariamente *himsa* (violência), sob pena de se destruir a si mesma, não fazendo valer suas leis; só um indivíduo pode praticar *ahimsa*, não pagando o mal com o mal, mas pagando o mal com o bem, amando aos que o odeiam.

‘Não resistir ao maligno’ é, pois, uma ordem que visa diretamente ao indivíduo em via de cristificação. Uma sociedade, sendo fundamentalmente egoísta, nunca pode ser crística, embora possa dizer-se cristã, isto é, egoísta envernizada de Cristianismo.

Nenhuma sociedade organizada pode abrir mão dos seus ‘direitos’, sob pena de cometer suicídio, só existindo em virtude dos seus ‘direitos’; o direito, porém, é uma forma de egoísmo, e egoísmo gera violência. Só se a sociedade abdicasse dos seus ‘direitos’, tudo endireitaria; mas, enquanto ela faz valer os seus ‘direitos’, tudo está torto.

O contrário do ‘direito’ é a ‘justiça’, que é praticamente idêntica ao amor... Quem reclama todos os seus direitos pessoais age em nome do seu ego, que é necessariamente egoísta; mas quem pratica a justiça age em nome da Constituição Cósmica do Universo, que é Deus. Age em nome do amor cósmico, que é a voz do divino Eu no homem. Quem apela para seus ‘direitos’ age em nome do ego, que é violentista. Quem apela para a ‘justiça’ age em nome do Eu, que não é violentista. ‘Não resistir ao maligno’ é, pois, um apelo para o divino Eu no homem, e não para seu humano ego” (in : JESUS/ROHDEN. *O Sermão da Montanha*, Edição especial ilustrada, Ed. Martin Claret, SP, 2000, p. 98-99).

13. LAPIDE, Pinchas. *Op. cit.*, p. 119-123.

14. cf. *Id.*, *ibid.*, p. 121.

de real, e então o Reino de Deus acontecerá! Da mesma forma, o SM, que explicita essa mensagem, centralizando-a no mandamento radical do amor fraterno.

Aos que argumentam com o fato de que já 2000 anos se passaram e tão pouca coisa mudou na humanidade, Jesus responde que suas palavras não são utopia a ser admirada, mas um programa de vida: é preciso praticá-las: *Nem todo o que me diz “Senhor”, “Senhor”, entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que pratica a vontade do Pai, expressa nas minhas palavras (Mt 7,21). Praticá-las é realizar o mais urgente programa ecológico que possamos excogitar: é construir a casa – da nossa vida, da humanidade – sobre a rocha, enquanto não praticá-las é construir sobre areia (cf. Mt 7,24-27).*

O SM, embora proferido há 2000 anos, continua mais atual que nunca neste início de milênio tão marcado por ódios e radicalismos. A regra áurea, que é a síntese da Lei e dos Profetas (Mt 7,12) – *fazer aos outros o que queremos que eles nos façam* – deve passar das igrejas e Bíblias para as casas e indivíduos, para os parlamentos e governos. Só assim se vencerá o nosso egoísmo visceral, a preocupação armamentista, o pensar retrógrado em categorias de amigo-inimigo, e a estreiteza de espírito de querer pagar sempre com a mesma moeda¹⁵.

Concluindo, voltemos à contraposição feita no início entre o “não-resistir/não-retaliar” de Mt 5,39 e o “enfrentar/combater” de 1Mc 2,41. Como já observamos, o próprio desenrolar da narrativa de 1Macabeus demonstra que o recurso à violência só faz é gerar mais violência e não constrói a paz. Se não é esse o caminho, por que não aceitar de coração a proposta de Jesus?

Ney Brasil Pereira
ITESC – cx. postal 5041
88041-970 Florianópolis, SC
email: neybrasi@terra.com.br

15. *Id., ibid.*, p.129.